

Madalena Colaço
Anabela Gonçalves
Departamento de Linguística Geral e Românica
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

A CONCORDÂNCIA DO OBJECTO COM O PARTICÍPIO PASSADO E A CATEGORIA AgrO¹

I. Introdução

Em Chomsky (1986b), propõe-se que o sistema da teoria X' seja alargado às categorias frásicas tradicionalmente etiquetadas como S e S', que, na perspectiva deste autor, deverão ser, respectivamente, IP e CP, projecções dos núcleos I(nflection) e C(omplementizer). Ainda que esta ideia seja um passo importante no quadro da Teoria da Regência e da Ligação, uma vez que restringe universalmente o formato das categorias, apresenta alguns problemas, nomeadamente no que diz respeito à categoria I, como notou, entre outros, Pollock (1989), ao analisar comparativamente a sintaxe do verbo e do advérbio em Inglês e em Francês. Com efeito, tratando-se de um núcleo, no sentido da Teoria X', não deveria conter, simultaneamente, todo o material que tradicionalmente lhe é associado, i.e. traços de Concordância (Agr) e de Tempo (T). Esta questão levou Pollock (1989) a considerar que Agr e T devem ser encarados como núcleos de projecções funcionais distintas

¹ Agradecemos às Professoras Doutoradas Inês Duarte e Gabriela Matos e à nossa colega Matilde Miguel por terem discutido connosco alguns aspectos deste trabalho. Ao nosso colega José Bettencourt, agradecemos por nos ter facultado os dados do Romeno.

Esta abordagem é readaptada em Chomsky (1989), que sugere a existência de dois tipos de concordância NP-verbo, a saber a que se estabelece entre o sujeito e o verbo e a que se verifica, nalguns contextos, entre o verbo e o seu objecto. As construções estudadas por Kayne (1985), como (1) e (2), são exemplos deste último caso:

- (1) Ils l'ont repeinte.
- (2) Li ho visti.

Incorporando algumas conclusões de Kayne (1985), Chomsky (1989) propõe a distinção entre duas categorias de tipo Agr: AgrS, envolvida na concordância sujeito-verbo, e AgrO, envolvida na concordância verbo-objecto. A ideia subjacente é a de que a concordância com o objecto resulta de uma relação de regência entre um núcleo Agr e um NP, neste caso uma relação Spec-head, exactamente como acontece no caso da concordância com o sujeito.

No quadro do Programa Minimalista, apresentado em 1992 por Chomsky, a categoria AgrO é mantida, sendo necessária para a verificação (*checking*) do Caso acusativo. Em Chomsky (1992), considera-se que a verificação de traços pode ser realizada de duas formas, tendo em conta a sua natureza: através do movimento de um XP para a posição de Spec de um núcleo funcional no caso dos traços N, ou através do movimento de um núcleo lexical para uma posição de adjunção a um núcleo funcional no caso dos traços V. Assim, sempre que um NP necessite de verificar o Caso mencionado, deverá movimentar-se para Spec de AgrO, movimento que sucede à subida do verbo para AgrO, encontrando-se estes dois elementos numa relação Spec-head, necessária para a verificação dos traços relevantes. Tendo em conta a economia das derivações, mais concretamente através do princípio *Procrastinate*, o

movimento do NP deve ter lugar o mais tarde possível numa derivação, ou seja, preferencialmente depois de *Spell Out* (em LF), o que acontece sempre que os traços morfológicos das categorias envolvidas são fracos. O movimento torna-se, no entanto, obrigatório (logo, legítimo) quando os traços morfológicos são fortes, ou seja, visíveis em PF, constituindo objectos ilegítimos, tendo de ser verificados e eliminados em sintaxe explícita para que exista convergência da derivação. O momento da derivação em que se dá o movimento, relacionado com a força dos traços morfológicos, determina uma variação paramétrica entre as línguas.

Duarte et al (1994), ao analisarem a colocação dos clíticos em Português Europeu, consideram que, nesta língua, AgrO tem traços V fortes. Um dos argumentos empíricos apresentados em favor desta hipótese relaciona-se com o contraste entre as estruturas causativas do Português e as de outras línguas românicas, que podemos observar em (3)a-d (cf. op. cit., ex 37):

- (3)a. A Maria mandou-o arranjar o carro.
- b. Marie */?l'a fait réparer la voiture.
- c. Maria ?lo ha fatto riparare la machina.
- d. Maria */?lo hizo arreglar el carro.

A este grupo de exemplos, poder-se-ia adicionar um exemplo do Romeno, língua que, neste aspecto, se aproxima do Português Europeu

- (3)e Maria l-a trimit sa repara masina
(Maria o-mandou que reparasse o carro)

As mesmas autoras sugerem que o contraste entre as construções de (4) poderá estar relacionado com a natureza também forte dos traços N de AgrO em Português Europeu:

- (4)a. O João tem **esses romances** lidos.
- b. *Jean a **ces romans** lus

- c *Giovanni ha **quei romanzi letti**.
- d *Juan tiene **esas novelas leídas**

Nesta comunicação, é nosso objectivo analisar construções como as de (4)

A análise que proporemos deverá dar conta do diferente valor que o verbo *ter* assume, em Português, nas construções que estudamos e nas construções com tempos compostos (em que *ter* é auxiliar), que se reflecte na existência ou não de concordância entre o particípio e o seu objecto. O facto de, nalgumas línguas românicas para além do Português - nomeadamente no Castelhana e no Romeno -, existirem verbos correspondentes ao verbo *ter* (não auxiliar) que entram em construções como as que nos ocupam - veja-se (5) -, nas quais o particípio e o seu objecto também concordam, levar-nos-á a incluir estas três línguas num grupo distinto do constituído pelo Francês e pelo Italiano:

- (5)a. O João tem os livros lidos. (NP-particípio)
- b. Ion are cărțile citite. (NP-particípio)
- c. Juan tiene leídos los libros (particípio-NP)

Tentaremos, ainda, explicar a diferença que separa o Português e o Romeno do Castelhana no que diz respeito à posição ocupada pelo NP objecto relativamente ao particípio, também ilustrada nos exemplos de (5).

Como demonstraremos, é necessário postular a natureza forte dos traços de AgrO em Português e provavelmente em Romeno para explicar os contrastes que se verificam entre estas línguas

2. A sequência NP-participio passado tem propriedades de oração pequena

A existência de domínios oracionais defectivos, classificados como orações pequenas (doravante OP), é já sugerida em Williams (1975) e desenvolvida em Chomsky (1981) e Stowell (1981; 1983). Considera-se assim que em frases como:

(6) O João acha as crianças inteligentes.

se estabelece uma relação de predicação entre o NP *as crianças* e o predicado *inteligentes*. Essa relação determina a existência de um domínio oracional, que, neste caso, é defectivo dada a inexistência dos traços de flexão associados a domínios frásicos.

A mesma relação de predicação parece estabelecer-se entre o participio passado e o NP objecto pré-verbal nas frases em análise nesta comunicação:

(7) O João tem a dissertação feita.

Com efeito, a frase de (7) apresenta características sintáctico-semânticas idênticas às da frase (6), como se pode comprovar pelos testes que apresentamos nos exemplos de (8) a (11):

(i) Concordância entre o NP sujeito da OP e o predicado:

- (8)a. O João acha as crianças/*a criança inteligentes.
b. O João tem a dissertação/*o trabalho feita.

(ii) Cliticização em acusativo do NP (sujeito da OP):

- (9)a. O João acha-as inteligentes.
b. O João tem-na feita.

(iii) Formulação de uma interrogativa de instanciação sobre um dos elementos da OP

- (10)a. Que pessoas é que o João acha inteligentes? - As crianças.
b. Que coisa o João tem feita? - A dissertação.

(iv) Deslocação à esquerda clítica do NP (sujeito da OP)

- (11)a. As crianças, o João acha-as inteligentes.
b. A dissertação, o João já a tem feita.

Os resultados da aplicação dos testes que mencionámos permitem-nos, então, dizer, na linha de outros autores (cf. Raposo (1992)), que as sequências NP-participio passado de (7) constituem OP's.

Parece-nos, no entanto, essencial distinguir este tipo de OP's participiais dependentes de verbos como *ter* das chamadas OP's participiais absolutas, como a que ocorre em (12):

- (12) *Chegado o orador*, os presentes respiraram de alívio.

Note-se, em primeiro lugar, que, em (12), o NP *o orador* recebe Caso (nominativo) dentro do domínio a que pertence:

- (13) *Chegado ele*, os presentes respiraram de alívio

Pelo contrário, o NP sujeito da OP da frase (7) exhibe o Caso acusativo, como o demonstra a frase (9)b..

Em segundo lugar, frases como (12) só são gramaticais se a ordem de ocorrência dos elementos for participio passado-NP, contrariamente ao que acontece nas construções em análise neste trabalho:

- (14)a. *Chegado o orador*, os presentes respiraram de alívio.
b. **O orador chegado*, os presentes respiraram de alívio.

- (15)a. **O João tem feita a dissertação*
b. *O João tem a dissertação feita*

Finalmente, enquanto nas orações participiais absolutas o predicado é, como o próprio nome indica, obrigatoriamente participial, nas OP's dependentes de verbos como *ter* o predicador pode ter uma natureza adjectival ou mesmo preposicional, como acontece também nas construções em que ocorrem verbos como *achar* ou *considerar*:

- (16)a. Esta loja tem os livros baratos.
b. O João tem a casa com escritos

- (17)a. O João considera estas crianças inteligentes.
b. O João considera estas crianças com sorte.

Aos argumentos que provam que o complemento do verbo *ter* em (7) é uma OP podem ser adicionados outros argumentos em favor da ideia de que esta forma verbal não é o auxiliar de tempos compostos. Assim,

(i) enquanto a forma participial que ocorre nas construções em análise concorda em género e número com o objecto, o mesmo não acontece nas construções de tempos compostos

- (18)a. O João tem a dissertação/*o trabalho feita
b. O João tem feito/*feitos os trabalhos de casa.

(ii) quando um verbo dispõe de duas formas participiais, uma regular e uma irregular, a primeira é usada por muitos falantes preferencialmente nos tempos compostos, enquanto a segunda é usada nas construções que estamos a analisar:

- (19)a. O carteiro não tem entregado/?entregue a correspondência.
b. A esta hora já o carteiro tem a correspondência entregue/*entregada.

(iii) enquanto nas construções em estudo a ordem dos elementos é *ter*-NP-participio passado, nas construções com tempos compostos essa ordem é *ter*-participio passado-NP:

- (20)a. O Pedro tem estes livros lidos.
b. *O Pedro tem lidos estes livros

- (21)a. *O Pedro tem estes livros lido várias vezes.
b. O Pedro tem lido estes livros várias vezes

Sintetizando:

- (i) o complemento seleccionado por *ter*, nas construções em análise neste trabalho, tem características de OP;
- (ii) as OP's que estudamos distinguem-se das OP's participiais absolutas;
- (iii) o verbo *ter* que ocorre nestas construções não é o auxiliar dos tempos compostos.

3. Construções do tipo *ter-particípio passado* nas línguas românicas

3.1. Construções de *ter (auxiliar)-particípio passado*

Na secção anterior, considerámos que, em Português, o verbo *ter*, combinado com o particípio passado, pode entrar na formação de tempos compostos, como acontece em (22):

- (22) O João tem lido os livros.

A existência de sequências do tipo *ter (auxiliar)-particípio passado-NP* (ainda que por vezes com variações aspectuais) verifica-se nas restantes línguas românicas, como podemos observar nos exemplos seguintes:

- (23)a. Jean a lu les livres.
b. Gianni ha letto i libri.
c. Juan ha leído los libros.
d. Ion a citit cărțile

Parece, portanto, haver uma certa semelhança de comportamentos entre estas línguas. No entanto, quando o NP objecto é cliticizado, podemos verificar que o comportamento destas línguas permite dividi-las em dois grupos: o grupo - constituído pelo Português, pelo Castelhana e pelo Romeno - em que, como em (23), não existe concordância entre o participio e o clítico (veja-se (24)) e o grupo - constituído pelo Francês e pelo Italiano - em que se estabelece essa concordância (como em (25))

- (24)a *O João não os tem lidos. (=O João não tem lido os livros)
 b. *Juan los ha leidos.
 c. *Ion le a citite. (=Ion a citit cărțile)

- (25)a. Jean les a lus.
 b. Gianni li ha letti.

Uma hipótese de explicação deste contraste entre as línguas consiste em considerar que, em Português, Castelhana e Romeno, línguas em que nunca se verifica concordância entre o participio e o seu objecto, o complemento do verbo *ter* (auxiliar) não contém qualquer núcleo funcional de concordância. Isto significa que não há, nestes casos, projecção de Agr, tendo em conta o princípio de economia das representações, segundo o qual a projecção de uma categoria apenas é possível quando se torna indispensável para a convergência da derivação. Assim, o NP objecto, clítico ou não, nunca entra numa relação Spec-head com Agr, condição necessária para que se verifique concordância

Em Francês e em Italiano, o auxiliar selecciona um complemento que é a projecção de um núcleo funcional de concordância, neste caso AgrPastPart, que permite a verificação dos traços do participio passado. Tendo em conta que, em (23 a. e b.), não se verifica concordância entre o NP objecto e o participio, temos de assumir

que, nas línguas em análise, os traços N de AgrPastPart são fracos, pelo que o referido NP não se movimenta em sintaxe explícita para Spec desta categoria funcional.

O contraste que se verifica entre as construções de (23 a., b.) e as de (25) poderá ser explicado tendo em conta a natureza clítica do objecto nestas últimas. Assim, assumindo que, nestas línguas, quando o NP objecto é um clítico, tem de se movimentar para uma posição pré-verbo auxiliar (na maior parte da literatura sobre o assunto, para uma posição de adjunção a AgrO) antes de *Spell Out* para verificar os seus traços casuais - independentemente da natureza dos traços da categoria funcional à qual se adjuge -, e dado que a subida directa para essa posição violaria a *Shortest Movement Condition*, temos de postular, na linha de Belletti (1994), que é necessária a existência de uma etapa intermédia na derivação em que o clítico se movimenta, como projecção máxima, para Spec de AgrPastPart.

Esta etapa só é legítima se o participio passado se movimentar para uma posição de adjunção ao núcleo AgrPastPart, havendo assim um alargamento do domínio mínimo do participio, e passando a posição de Spec de AgrPastPart a encontrar-se nesse domínio. Desta forma, Spec de AgrPastPart e Spec de V tornam-se equidistantes, sendo a primeira um alvo possível para o movimento do NP objecto, tendo em conta a *Shortest Movement Condition*. Note-se que, assumir o movimento do participio implica assumir que os traços V de AgrPastPart são fortes, já que o movimento de qualquer constituinte só pode verificar-se para proveito próprio (*Greed*). A concordância entre o NP objecto e o participio passado verifica-se quando os dois elementos se encontram numa relação Spec-head.

Em (26), apresentamos a representação parcial da estrutura resultante destes movimentos em Francês:

(26) $V_{aux} [AgrPastPartP \text{ les}] [AgrPastPart \text{ lus}] [VP [V \text{ t}_i \text{ t}_j]]]$

Nas construções em que o objecto não é um clítico, como em (23), os traços casuais do NP só têm de ser verificados depois de *Spell Out*, sendo ilegítimo o seu movimento em sintaxe explícita. Desta forma, não é permitido o movimento explícito do referido NP para Spec de AgrPastPart, pelo que não se desencadeia concordância com o participio, como o demonstram os exemplos (27) e (28):

(27) *Jean a les livres lus.

(28) *Gianni ha i libri letti.

Note-se que, para explicar a impossibilidade da ordem NP-participio nestas línguas, é necessário recorrer ainda à natureza fraca dos traços N de AgrO (cf., entre outros, Belletti (1994)). Com efeito, se estes traços fossem fortes, a subida em sintaxe explícita do NP para Spec de AgrO seria obrigatória, pelo que a ordem obtida seria a de (27) e (28).

Ao contrário do que acontece nas duas línguas mencionadas (Francês e Italiano), em Português, em Castelhana e em Romeno, a categoria Agr nunca se projecta nas construções em que o verbo *ter* é auxiliar, pelo que nunca se verifica concordância (cf. (24)).

3.2. Construções com *ter* (não auxiliar) e participio passado

A diferença entre os dois grupos de línguas românicas estabelecidos não se esgota com o que foi dito na secção anterior. Com efeito, se em Francês e em Italiano os verbos *avoir* e *avere* combinados com participio passado são unicamente auxiliares, em Português o verbo *ter* pode assumir um outro valor, que é o que ocorre nas construções em análise neste trabalho, impossíveis nas duas primeiras línguas:

(29) O João tem os livros lidos.

Esta diferença entre os dois grupos de linguas é acentuada pelo facto de, em Castelhana e em Romeno, as formas verbais correspondentes a *ter* (não auxiliar) serem distintas das formas correspondentes a *ter* (auxiliar). Veja-se o contraste entre (30) (igual a (23) c. e d.) e (31):

(30)a. Juan **ha** leído los libros.

b. Ion **a** citit cărțile.

(31)a. Juan **tiene** leídos/*leído los libros.

b. Ion **are** cărțile citite/*cetit.

Como se pode observar, nas construções em que o verbo *ter* não é auxiliar, existe sempre concordância entre o participio e o seu objecto. A existência desta relação de concordância sugere que, nas construções em causa, *ter* (não auxiliar) e os seus equivalentes em Castelhana e em Romeno seleccionam um complemento da categoria AgrPastPartP.

Assumamos, então, que a uma frase como (29) corresponde a forma básica parcialmente representada em (32):

(32) **tem** [_{AgrPastPartP} [_{AgrPastPart} [_{AgrPastPart} [_{VP} [_V **lidos** [_{NP} **os livros**]]]]]]]

Tendo em conta que os traços V de AgrPastPart são fortes nas linguas em que há concordância entre o participio passado e o seu objecto, o movimento deste verbo para uma posição de adjunção ao núcleo funcional em causa é necessário (logo, legítimo) para a verificação dos traços mencionados, resultando, assim, um alargamento do seu domínio mínimo. Por isso, a posição de Spec de AgrPastPart passa a encontrar-se no domínio mínimo do participio, o que faz com que esta posição e a posição de Spec de V se tornem equidistantes, sendo Spec de AgrPastPart um alvo possível para o movimento do NP objecto, tendo em conta a *Shortest Movement Condition*. O movimento deste NP destina-se à verificação dos traços N fortes de AgrPastPart, cuja eliminação tem de ocorrer antes de *Spell Out*. Neste passo da

derivação, o NP e o núcleo funcional que contém o particípio encontram-se numa relação Spec-head que permite a verificação de traços de concordância

É neste ponto da derivação que se aproximam o Português, o Castelhanu e o Romeno, dado que, também nestas duas últimas linguas, se verifica concordância entre o particípio passado e o seu objecto em construções com os equivalentes de *ter* (não auxiliar)

No entanto, as linguas pertencentes a este grupo não têm um comportamento totalmente uniforme. Com efeito, existem diferenças no que diz respeito à posição final do particípio e do seu objecto: em Português e em Romeno a ordem é NP-particípio, enquanto em Castelhanu só é possível a ordem particípio-NP:

- (33)a O João tem os livros lidos.
 b. Ion are cărțile citite.
 c. *Juan tiene los libros leídos.

- (34)a. *O João tem lidos os livros.
 b. *Ion are citite cărțile.
 c. Juan tiene leídos los libros.

Como mencionámos atrás, consideramos que, nas três linguas românicas em questão, os traços N e V de AgrPastPart são fortes, o que justifica o movimento do particípio para adjunção a este núcleo funcional e o posterior movimento do NP objecto para a posição Spec, possibilitando a verificação dos traços de concordância. Sendo assim, o que separa estas linguas são os movimentos que podem ocorrer, ainda antes de *Spell Out*, após aqueles que referimos. Como demonstraremos em seguida, a natureza dos traços N de AgrO é a responsável por esta diferença

Tendo em conta que AgrO, em Português e provavelmente em Romeno, é uma categoria cujos traços N são fortes, teremos de postular que o NP objecto que entra nas construções em estudo tem de se movimentar em sintaxe explícita para Spec deste núcleo funcional, de modo a permitir a verificação e conseqüente eliminação desses traços. Para que a posição Spec constitua um alvo possível para o movimento deste NP, é necessário, no entanto, que o verbo *ter* se tenha deslocado para adjunção a

AgrO de modo a permitir um alargamento do domínio mínimo. A subida deste verbo seria, de qualquer modo, necessária para a verificação dos traços V de AgrO, também fortes nesta língua.

Em (35), apresentamos uma representação parcial desta etapa da derivação

(35) [_{AgrOP} **os livros**_{ij} [_{AgrO} [_{AgrO} [**tem**_k] AgrO] [_{VP} [_V **t_k** [_{AgrPastPartP} **t_i** [_{AgrPastPart} **lidos**_p [_{VP} [_V **t_p** **t_i**]]]]]]]]]]

A ordem final *tem lidos os livros* é obtida por movimento do material contido em AgrO para adjunção sucessiva a T e a AgrS.

O contraste entre o Português e o Romeno e o Castelhana no que diz respeito à ordem relativa do NP e do participio poderá ser explicado se assumirmos que, nesta última língua, AgrO tem traços N fracos, pelo que não é legítimo o movimento explícito do objecto para Spec de AgrO (cf. (33c)). No entanto, este facto, só por si, não permite explicar a ordem que se obtém em Castelhana: estando o NP em Spec de AgrPastPart, se o participio se mantivesse em adjunção a AgrPastPart a ordem obtida seria a inversa. Sugerimos, então, que nesta língua deverá ter lugar a reestruturação do predicado da OP com o verbo que a selecciona, na linha de Stowell (1987) e de Raposo & Uriagereka (1990).

4. Conclusões

Em síntese pretendíamos, neste trabalho, apresentar uma análise das construções do Português em que o verbo *ter* selecciona uma OP cujo predicado é uma forma participial, precedida do seu objecto com o qual concorda.

A análise que fizemos permite-nos concluir que:

(i) há dados empíricos que permitem dividir as línguas românicas em dois grupos: o do Francês e Italiano, que não dispõem da construção em estudo, e o do

Português, Castelhana e Romeno, em que o verbo *ter* (não auxiliar) e seus equivalentes ocorrem neste tipo de construções.

(ii) a diferença existente entre as línguas do segundo grupo (Português e Romeno vs. Castelhana) no que diz respeito à ordem relativa do participio e do NP-objecto resulta da natureza dos traços N de AgrO nessas línguas.

5. Referências

- BELLETTI, A. (1994). "Case Checking and Clitic Placement. Three Issues on (Italian/Romance) Clitics". Ms.
- CHOMSKY, N. (1981). *Lectures on Government and Binding*. Foris: Dordrecht.
- CHOMSKY, N. (1986b). *Barriers*. The MIT Press: Cambridge, Massachusetts.
- CHOMSKY, N. (1989). "Some Notes on Economy of Derivation and Representation". In Laka, I. & A. Mahajan (eds.). *MIT Working Papers in Linguistics*, 10. MIT: Cambridge, Massachusetts.
- CHOMSKY, N. (1992). "A Minimalist Program for Linguistic Theory" *MIT Occasional Papers in Linguistics*, 1. MIT: Cambridge, Massachusetts.
- DUARTE, I., G. MATOS, I. FARIA, D. PEREIRA (1994). "Specificity of European Portuguese Clitics within Romance". Hand-out da comunicação apresentada ao *Primeiro Encontro de Lisboa sobre Linguagem Infantil*, APL, Lisboa.
- KAYNE, R. (1985). "L'Accord du Participe Passé en Français et en Italien". *Modèles Linguistiques*, 7-1, pp. 73-91.
- POLLOCK, J-Y. (1989). "Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP". *Linguistic Inquiry*, 20-3, 635-670.
- RAPOSO, E. (1992) *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*. Caminho: Lisboa.
- RAPOSO, E. & J. URIAGEREKA (1990). "Long-Distance Case Assignment" *Linguistic Inquiry*, 21-4, pp. 505-538.
- STOWELL, T. (1981). *Origins of Phrase Structure*. Dissertação de PhD. MIT: Cambridge, Massachusetts.

STOWELL, T. (1983). "Subjects Across Categories". *The Linguistic Review*, 2-3, pp. 285-312.

STOWELL, T. (1987). "Small Clause Restructuring". Ms.

WILLIAMS, E. (1975). "Small Clauses in English". In J. Kimball (ed.). *Syntax and Semantics*, vol. 4. Academic Press: New York.